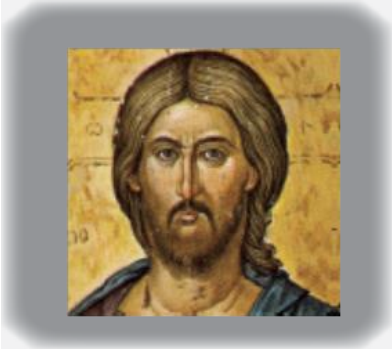
INSTITUTOS PAULINOS
DE VIDA SECULAR CONSAGRADA - BRASIL

Edição Bimestral – Março / Abril de 2021 - Ano VII – Vol. XXXI



Sumário

EDITORIAL 3

Catequese Paulina 5

Os rostos de Jesus. 6

No mundo da pressa, o desafio da paciência 10

O coração Paterno de São José.....12

Os Santos Desconhecidos.16

Editor da Revista Institutos Paulinos:
Nathanael do Amparo, ISGA
Revisão: Darlei de Paula, ISGA

Superior Provincial do Instituto Nossa Senhora da Anunciação: (anunciatinas@paulinos.org.br) e do Instituto São Gabriel Arcanjo (gabrielinos@paulinos.org.br)
Pe. Claudiano A. dos Santos, ssp.

Delegado do Instituto Jesus Sacerdote (jesussacerdote@paulinos.org.br) e do Instituto Santa Família (santafamilia@paulinos.org.br)
Pe. Antônio Lúcio da Silva Lima, ssp.

Colaboradores: Instituto São Gabriel Arcanjo; Instituto Nossa Senhora da Anunciação; Instituto Santa Família; Instituto Jesus Sacerdote

Nossas redes sociais:
http://gabrielinospaulinos.blogspot.com.br
http://santafamiliabr.blogspot.com
http://anunciatinas-brasil.blogspot.com.br

NOSSO CONTATO:
institutospaulinos@paulinos.org.br
ou pelo endereço:
Pe. Claudiano Avelino dos Santos
Rua Francisco Cruz, 199
Vila Mariana
CEP 04117-091 – São Paulo/SP

Uso manuscrito

EDITORIAL

O que significa experimentar a fé por meio de práticas digitais? Que mudanças e transformações estão em jogo naquilo que chamamos de fé? Certamente, essas questões incidem em aspectos teológicos, eclesiológicos e pastorais da relação entre a Igreja e a sociedade contemporânea, marcada tão fortemente por um processo de digitalização e conectivização.

"Antes de ser templo, a Igreja foi casa. Jesus saiu do templo e entrou na casa. E aí começou a experiência cristã." Esse movimento, descrito pelo cardeal português Dom José Tolentino Mendonça em um recente evento sobre a espiritualidade cristã em tempo de isolamento social, precisou ser reavivado forçosamente pela Igreja hoje, devido à pandemia.

Atualmente, contudo, não habitamos mais o mesmo modelo de casa dos primeiros séculos. Nossas casas são espaços aumentados, expandidos, conectados, graças à evolução tecnológica. Em tempos de isolamento, essas verdadeiras "Igrejas domésticas" se conectaram entre si, unindo pessoas, famílias, grupos e comunidades em encontros de oração e formação pela internet.

O fenômeno digital escancarou as casas ao mundo, fazendo com que as pessoas fossem convocadas ao "céu aberto" da comunicação, inclusive para viver uma nova eclesialidade (ekklesía, do grego, "chamar para fora"), ressignificada pelo fechamento dos templos e pela conectividade das redes. Essa conjuntura problematizou não só a compreensão da fé, mas também a sua própria experiência.

Esse processo, contudo, como toda novidade, tem os seus riscos, especialmente o de ser interpretado como uma mera "virtualização da fé". Segundo esse ponto de vista, os fiéis, impossibilitados de participar da experiência religiosa "real", entre pessoas de carne e osso, recorreriam a uma fé "virtual", com graves perdas, principalmente a do "contato" humano. Com isso, a encarnação, tão central para o cristianismo, poderia perder o seu sentido mais profundo, pois máquinas substituiriam as relações humanas. O medo é de que as pessoas abandonem o mundo "real" da fé e, após a pandemia, não queiram mais voltar aos templos.

Mas será mesmo? O que significa experimentar a fé por meio de práticas digitais? Que mudanças e transformações estão em jogo naquilo que chamamos de fé? Certamente, essas questões incidem em aspectos teológicos, eclesiológicos e pastorais da relação entre a Igreja e a sociedade contemporânea, marcada tão fortemente por um processo de digitalização e conectivização.

Para avançar nessa reflexão, é importante resgatar o sentido comunicacional da própria fé. Isso ajuda a problematizar essa concepção "virtualizante" do ambiente digital. E também nos permite aprofundar alguns conceitos centrais para a experiência da fé cristã nesses novos contextos de relação: o corpo e a comunicação; a presença e a comunhão; a participação e a comunidade.

O Papa Francisco já afirmou também que "o uso da internet é complementar ao encontro em carne e osso". É, inclusive, um "recurso para a comunhão", segundo o papa. Talvez, o desafio seja repensar as mediações digitais, para que favoreçam essa sensibilidade em relação ao "outro".

São Paulo foi alguém que entendeu isso muito bem, milênios atrás. Ao escrever à comunidade de Corinto, ele reconheceu que, embora "ausente de corpo", ele estava "presente de espírito, como se estivesse aí entre vocês", por meio de sua carta (1Coríntios 5,3). Aliás, foi por meio de uma carta que ele convidou aqueles primeiros cristãos a serem também "uma carta de Cristo (...) escrita não com tinta, mas nas tábuas de carne do coração de vocês" (2Coríntios 3,3). Corpo ressignificado em carta, carta ressignificada em corpo: sem dicotomias, nem alienação.

Afinal, o digital não é um problema. Pelo contrário, é um sintoma de problemáticas bem mais profundas que não são meramente de ordem tecnológica, mas, sim, teológica, eclesiológica, pastoral, catequética, litúrgica. Essas questões demandam "ousadia e criatividade" (Evangelii gaudium 33) por parte da Igreja, para que possa repensar o seu modelo e o seu estilo de evangelização, tendo em vista uma comunicação que gere comunhão e construa comunidade.

Nathanael Amparo, ISGA

Catequese Paulina

Encíclica " Tametsi Futura" de Papa Leão XIII
Sobre Jesus Cristo Redentor

Quando se aproximava o final do século XIX, Papa Leão XIII, exortava aos católicos para que não se desencorajassem diante da cultura "laica", em grande escala ateia e anticristã. Exortava-os à esperança e ao otimismo, convidando-os a reencontrar em Cristo os elementos para novo impulso rumo à civilização.

Essa era a essência da encíclica que o Papa Leão XIII entregava a todo povo católico, a 1º de novembro de 1900: documento de valor estimável para Família Paulina.

Padre Alberione, então com apenas 16 anos, ficou impressionado com esta encíclica e dela extraiu orientação durante toda a vida, para espiritualidade e para apostolado.

"Era o final do Ano Santo de 1900, que fechava o século. Papa Leão XIII com a encíclica "Tametsi Futura" dava a cristandade, antes à humanidade, a direção religiosa cristã a ser seguida. E o povo escutou admirado a encíclica, também chamada na época, de Jesus Cristo Caminho, Verdade e Vida.

Hoje em dia, vivemos em uma sociedade em que as pessoas perderam a fé, esperança e o amor. Mas não podemos nos esquecer que Jesus Cristo não morreu em vão, sua morte para nós cristãos no remete a termos esperança, fé e amor por todas as pessoas que estão em nossa volta. Jesus Cristo morreu por amor a cada um de nós, sua morte não pode ter sido em vão.

O Papa Francisco nos alerta sempre a não perdemos a esperança e a fé, precisamos manter sempre acesa a chama do amor de Jesus dentro do nosso coração, e, principalmente dentro dos corações dos nossos irmãos que estão afastados deste amor de Deus.

Que nesta encíclica do Papa Leão XIII, possamos nos encher deste amor de Jesus Cristo, que é um amor cheio de misericórdia, esperança e fé por cada um de nós. Jesus Cristo nunca nos deixa só..

Renata Quintiliano - INSA

Os rostos de Jesus. As muitas faces de Cristo

Quem garante que Jesus tinha os rostos com que os artistas do passado o representaram e os quais nos acostumamos nas reproduções gráficas e imagens que utilizamos em nossas devoções pessoais, em palestras, encontros, na mídia católica, nas camisetas, nas próprias igrejas, etc.?

Jesus tinha um rosto? Se Ele assumiu a nossa carne, se se tornou um de nós, humano como todos, é claro que teve um rosto, suas feições humanas foram conhecidas pelos seus contemporâneos, mas nenhum deles se preocupou em descrever os aspectos físicos do Homem Jesus. Não faz mal, porque não é desse rosto que quero falar neste artigo e nem quero entrar na questão que é fascinante se Jesus era de pele clara ou morena, se tinha cabelos compridos e barba ou não. Não é essa a minha intenção ao me dirigir a vocês, leitores da Revista Institutos Paulinos, mas perceber o rosto de Jesus nos filhos e filhas de Deus.

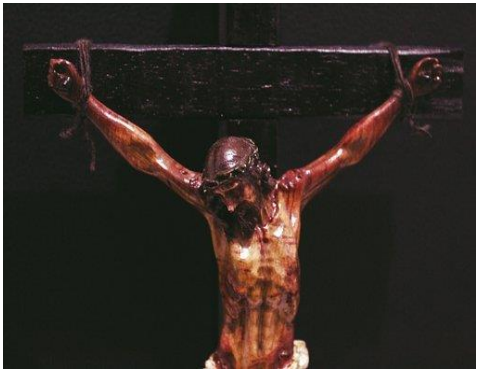
Jesus veio ao mundo e mostrou o rosto do Pai. Ele é o Deus encarnado e "a cara do Pai", diríamos na versão popular e familiar. No Batismo e na Transfiguração (cf. Mt 3,16-17 e Mc 9,2-7) se ouve a voz do Pai: "Este é meu filho...", ao apóstolo Felipe, Ele diz: "Quem me vê, vê o Pai..." (cf. Jo 14,6-9). Jesus dirá também que Ele e o Pai são um, (cf. Jo 10,30), que suas obras são as mesmas do Pai (cf. Jo 10,32), seus desertos de oração são conversas íntimas com o Pai e sua missão foi fazer a vontade do Pai (por exemplo, cf. Jo 17). Esse rosto de Jesus é o mais importante e o que explica todas as outras suas feições.

• O rosto da missão e do Reino – O Reino de Deus está próximo (cf Lc 4,1-44). Quando virmos tanta solidariedade, tanto cuidado recíproco, tanta compaixão e misericórdia, tanta ajuda fraterna é porque as pessoas compreenderam que têm que fazer as mesmas obras de Cristo e, assim o seu rosto aparece nos

necessitados dos nossos tempos (cf Mt 25,31-46) e também nas pessoas que ajudam, procurando ser misericordiosos como o Pai é misericordioso, santo e perfeito. Essa é a meta que os santos e santas de Deus perseguiram em suas vidas só que isso se consegue degrau por degrau, como ensinava o nosso Santo São Paulo. Aliás, será que vemos o rosto de Cristo nos santos e santas? Pois é!!

• Identificamos os vários rostos de Cristo nos nossos tempos.

No ano de 2020, por ocasião do Carnaval, levantou-se uma polêmica por causa do samba enredo da Estação Primeira de Mangueira. Para alguns, a letra era sacrílega, desrespeitosa com a pessoa de Jesus. Um certo trecho do samba se dizia que Jesus tinha rosto de índio, de negro e corpo de mulher e pior ainda, num dos carros alegóricos, havia a imagem de um moleque negro de comunidade e crucificado! Blasfêmia! Gritaram fariseus e mestres da lei dos tempos atuais. O Carnaval acabou e não se fala mais nisso, porque as atenções se voltaram para o novo Corona vírus, que tirou todos do sério. Mas Jesus continua sempre presente em muitos rostos. Querem ver?



• No campo internacional, sem entrar em muitos detalhes. Encontramos o rosto de Jesus nos povos dos países em guerra, nos cristãos perseguidos e mortos em algumas nações, no abandono da África subsaariana, na tragédia dos refugiados da fome e dos conflitos armados e tem tantas outras situações. Olhem para as reportagens já que não podemos estar nesses lugares e verão aqui e ali o rosto de Cristo Crucificado pelos pecados do mundo.

E vamos ao Brasil. Onde podemos encontrar o rosto de Cristo?

• Nas muitas juventudes. Ora, mas não é uma só? Prestem atenção e verão que não. São muitas mesmos! Urbana e rural, rica e pobre, estudantil e à margem das escolas e das faculdades, de centro e de periferias, de

comportamento considerados dentro dos padrões e infratores, religiosos de várias tendências e denominações indiferentes e os sem Religião. Também jovens de todas as cores. E os jovens, em suas maiorias homens, vítimas da violência? E a droga e o abandono social? Vamos encontrar o rosto de Cristo em todos os segmentos. E encontramos o rosto de Cristo nas pessoas que procuram resgatar jovens através da educação formal (professores e professoras) de projetos sociais que profissionalizam jovens de comunidades e de periferia e de manifestações culturais como música, canto, teatro, dança, esportes. Em relação aos esportes há muitos anônimos que tem suas escolinhas, geralmente de futebol, que fazem um trabalho de base muito interessante. E você, leitor, poderá encontrar outros exemplos.

• Nas mulheres. O samba da Mangueira dizia que Cristo tem corpo de mulher. Trata-se de uma alegoria. Se Ele quisesse ter vindo como mulher, poderia, mas, a meu juízo não o fez porque sua missão nem teria começado, devido a cultura em Israel, que marginalizava a mulher. No entanto, várias mulheres andavam com Ele (cf. Lc 8,1-3), faziam parte dos discípulos. Afinal, Deus criou o homem e a mulher iguais em dignidade. E hoje? Falando primeiro do lado negativo, quantas mulheres vítimas da violência e de outras mazelas sociais que sacrificam também os homens! Cristo está presente nas esposas e mães dedicadas, nas mães que conduzem sozinhas seus lares e seus filhos, nas mulheres que assumem cada vez mais seu papel na sociedade, na Igreja e em toda parte, dando um toque feminino especial na vida humana. As mulheres são capazes de mostrar claramente a ternura de Deus!

• Nos idosos, colocados em evidência nesses tempos de pandemia. O que um vírus não faz, não é? Não valorizar os idosos é jogar fora algo fundamental da condição humana: a experiência!

- Nas crianças – Quem não for como as crianças, está fora do Reino (cf. Mt 18,1-3). E só para não me alongar, me detenho na nossa experiência de paróquia, de comunidade nas missas dos domingos, na hora da homilia. Quem conhece, sabe o que estou falando. Cristo está nessas crianças, não está?
- Nesse tempo de covid-19! Como dizia um vídeo postado nas redes sociais o ano passado: Será que Cristo não vai sair nesta Semana Santa? Ele saiu, vai sair nesta Semana Maior e continuará saindo depois, na pessoa dos profissionais da área da saúde, nos doentes que sofrem com essa pandemia, nos que voltam à casa do Pai, nos que são curados, nos que se arriscam para não deixar faltar nada à população, nas várias pessoas que são solidárias com os que sofrem mais nessa situação e que ajudam de verdade o próximo e até nos que representam o poder público e se mobilizam responsavelmente pelo bem comum!
- Em todos nós. Seja qual for nossa idade e condição social, temos muitos motivos para ver o rosto de Cristo nos restos de nossos familiares e amigos, de nossa paróquia, de nosso instituto, de nossos padres, irmãos, irmãs, religiosos e religiosas, nos grupos, pastorais e movimentos. É claro que você já viu, não viu? Continue prestando atenção, que você vai descobrir muito mais gente que traz em si os traços de Cristo, pois Ele tem todos os rostos.

Nathanael Amparo, ISGA

No mundo da pressa, o desafio da paciência

Numa reflexão sobre a paciência, Romano Guardini lembrou um mito indiano que conta como Shiva moldou tudo. Depois de criar o mundo com entusiasmo, ele começa a ficar entediado e a destruir o mundo para fazer outro. Mas mesmo isso não o satisfaz e, portanto, ele o destrói e recria e assim por diante, em um movimento incessante. Diante desse mito - observa Guardini - destaca-se, por contraste, a relação entre o Deus cristão e o mundo, feito de infinita paciência.

Essa consideração do filósofo alemão já nos ajuda a colocar a paciência dentro de um contexto muito mais digno do que o comumente pensado. Do ponto de vista de Guardini, a paciência não é a resignação impotente e, muitas vezes, ressentida com o inevitável. Tampouco é a virtude característica da moral dos escravos estigmatizada por Nietzsche. Paciência é participar da atitude de Deus para com o mundo e a história.

Não há dúvida de que muito hoje leva a considerar a paciência como uma virtude desatualizada ou até prejudicial. Em primeiro lugar, a aceleração da vida que experimentamos continuamente, numa sucessão de eventos que exigem presença ativa, prontidão mental, decisão imediata. E então a observação de que a política não dá respostas às nossas expectativas, que a sociedade parece incapaz de reforçar nossa singularidade, enfim, que o mundo nunca muda. E ainda, a percepção da vaidade da nossa existência, com todo o respeito a todas as tentativas de exorcizar a morte ou deificar a medicina. Todas as coisas (mas a lista continua) nos levam a uma resignação amarga ou a uma indignação que permanece estéril. Se você é crente, então, não percebe a desproporção desestimulante entre a fraqueza da Palavra e a lógica que governa este mundo?

Mas esta mesma Palavra sugere-nos dois traços de paciência que são indispensáveis para nós hoje.

Olhar para o mundo em seu dinamismo histórico, capazes de "estar" no meio da provação.

A paciência é acima de tudo makrothymia, grandeza de alma, longanimidade. É a virtude do agricultor que aguarda pacientemente o fruto da terra (ver Tiago 5,7); é a capacidade daqueles que sa-

bem olhar para as coisas de maneira grande, que sabem avaliar o tempo cumprido, que podem olhar para o mundo captando-o em seu dinamismo histórico, sem ceder à impaciência superficial da ideologia. A paciência, neste caso, é a espera sábia, o respeito pelo tempo e, portanto, também o reconhecimento da finitude, da incompletude necessária de toda realização histórica e da historicidade de cada relação com o outro. Saber educar a paciência significa, neste caso, educar a arte do tempo, sem acelerações consumistas e sem fugas místicas. A paciência está vivendo o tempo de uma maneira totalmente humana.

Paciência é então hipomona, perseverança, constância, capacidade de estar no meio do julgamento (veja Tiago 1,2-4). É a virtude daqueles que sabem suportar situações difíceis, mas também aqueles que sabem suportar, sustentam a si mesmos e a outros quando a vida é testada. A prova não é apenas a das perseguições por causa da fé, mas é aquela a que as relações diárias nos são expostas: conosco e com os outros. Não é uma questão de tolerância passiva, mas de suportar positivamente o peso dos relacionamentos, evitando a tentação de uma fruição instrumental de si e dos outros. Saber educar para a paciência significa, então, educar para "permanecer" no relacionamento, aceitando a prova, a temporalidade e a finitude. Paciência é viver o relacionamento de uma maneira humana.

Romano Guardini lembrou que Deus mostra infinita paciência para com o mundo e o homem. Mas, além disso, deveríamos dizer - de acordo com Tomáš Halík - que também nós, os homens devemos ter paciência com Deus. Somente assim é possível esperar e levar o peso da relação com o Deus absconditus e seu silêncio.

Stefano Zamboni
Tradução de Pe. Vittorio Saraceno, ssp

O coração Paterno de São José

Na Solenidade da Imaculada Conceição do dia 08 de dezembro de 2020, o Papa Francisco emitiu, por ocasião do 150º aniversário da declaração de São José como Padroeiro Universal da Igreja, a Carta Apostólica Patris Corde, inaugurando o denominado "Ano de São José", que se estenderá até o dia 08 de dezembro de 2021, acompanhada de Decreto que concede o dom de Indulgências especiais.

Deste modo, afirma o Papa, ao celebrar o Ano especial de São José, todos os fiéis, à luz do exemplo do pai adotivo de Jesus terão a possibilidade de empenhar-se, com orações e boas obras, para obter com a ajuda de São José, cabeça celeste da Família de Nazaré, conforto e alívio das grandes tribulações humanas e sociais que hoje afligem o mundo contemporâneo, mormente no âmbito da pandemia COVID-19.

O Santo Padre esclarece, nas primeiras linhas da introdução desta sua Carta Apostólica, a origem de seu título: COM CORAÇÃO DE PAI: assim José amou a Jesus, designado nos quatro Evangelhos como "o filho de José".(Lc 4,22; Jo 6,42; Mt 13,55; Mc 6,3).

Relembra o Papa que José era um humilde carpinteiro; um homem "justo", sempre pronto a cumprir a vontade de Deus manifestada em sua Lei e que teve a coragem de assumir a paternidade legal de Jesus.

Imerso no período da Quaresma, o mês de março é particularmente dedicado a São José que, conforme salienta o Papa Francisco, depois de Maria, a Mãe de Deus, nenhum Santo ocupa tanto espaço no magistério pontifício como José, seu esposo.

Com efeito, no Evangelho de S. Mateus, que tem como destinatário o povo hebreu, a figura de S. José aparece situada no

contexto vivo da tradição religiosa de Israel. O evangelista vê em S. José a sua descendência real de Davi, que insere por lei, o Menino Jesus na história do povo bíblico.

São José e a Sagrada Família

Pai na Obediência.

O matrimônio de José com Maria respeita as duas etapas prescritas na lei hebraica.

A primeira etapa é a promessa, ou formalização do namoro, equiparada ao casamento, exceto a coabitação.

A segunda etapa é a celebração verdadeira e própria do casamento, que pressupõe a assunção de todos os compromissos da vida conjugal e a coabitação.

É na etapa da promessa que Maria aparece grávida. Embora a lei mosaica lhe facultasse repudiar sua noiva, José, o homem "justo", opta por seguir o caminho melhor, se adequava ao horizonte de amor que o ligava a Maria.

Na Bíblia, de fato, o "justo" corresponde à pessoa que procura e faz a vontade de Deus, deixando-se guiar por sua palavra.

Isso leva José a aceitar plenamente a vontade de Deus e o projeto desenhado por Ele a respeito de sua união com Maria, para que se concretize o nascimento de Jesus: "José, filho de Davi, lhe dirá o anjo, não temas receber Maria, sua esposa, pois a criança que ela traz vem do Espírito Santo "(Mt 1,20).

Com esta atitude, José se torna modelo para a vida de fé e oração para o mesmo Menino Jesus. Esta fidelidade e postura de José à vontade de Deus serão referidas por Jesus no cerne da oração do "Pai nosso": " Seja feita Tua vontade, assim na terra como no céu "

Portanto, a oração diária por excelência da família cristã reunida tornou-se o "Pai Nosso", tal como transmitido e vivido por Jesus, contemplando seus pais José e Maria.

Pai Trabalhador

No Talmúd lê-se esta prescrição: "Cada pai está obrigado a ensinar um ofício a seu filho; quem não ensina um ofício a seu filho, ensina-o a tornar-se um ladrão." O ambiente na casa de Nazaré, onde José fixou residência com sua família, constitui a base da formação e crescimento de Jesus.

Jesus é chamado de "o filho do Carpinteiro "(cf Mt 13,55), porque foi iniciado em tal ofício pelo mesmo José, um especialista neste trabalho de precisão em que Jesus, como um aprendiz, o viu comprometido todos os dias.

Com efeito, como reza o Beato Tiago Alberione na coroazinha dedicada ao Pai adotivo de Jesus, S. José, modelo de toda virtude interior, foi mestre de trabalho do Filho de Deus. Sua fé o fazia adorar nele o filho de Deus encarnado, enquanto ele o obedecia, servia e o escutava.

A Família

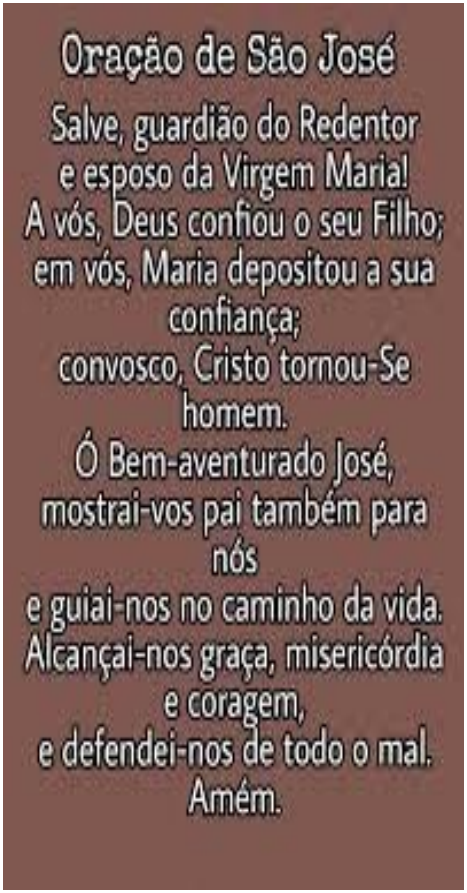
Homem de oração e fé, homem dedicado ao trabalho e a plena aceitação da vontade de Deus, José criou, junto com sua esposa Maria, um ambiente familiar que garantiu e promoveu o crescimento de Jesus "em sabedoria, idade e graça diante de Deus e dos homens" (Lc 02;52).

É neste perfil humano e espiritual abordado no Evangelho de S. Mateus que se enraíza a grandeza de S. José, fonte de inspiração para a família de nossos dias.

Em particular, o Papa Francisco relata que a motivação desta Carta Apostólica foi crescendo ao longo da pandemia, "onde pudemos experimentar, no meio da crise que afeta o mundo, que "as nossas vidas são tecidas e sustentadas por pessoas comuns (habitualmente esquecidas), que não aparecem nas manchetes dos jornais."

Assim, exorta o Papa, que todos podem encontrar em São José – o homem que passa despercebido, o homem da presença cotidiana discreta e escondida – um intercessor, um amparo e um guia nos momentos de dificuldade.

Vivenciando este Ano Especial dedicado a São José, Guardião de Jesus e da Sagrada Família de Nazaré, roguemos ao Padroeiro Universal da Igreja que fortaleça nossa fé e perseverança, concluindo com a oração redigida pelo Papa Francisco:



Referências:

1. Carta Apostólica - Patris Corde (Papa Francisco – 08.dez.20)

2. Texto de Don Primo Gironi-ssp

ISF - Instituto Santa Família
(março/2021)

Os Santos Desconhecidos

Arcádio nasceu na segunda metade do Século III na cidade de Cesaréia capital da Mauritânia (atual Argélia) na África.

No ano de 260 os cristãos eram perseguidos, tinham suas casas arrombadas, seus bens confiscados e, quando capturados, eram obrigados a prestarem culto pagão. Quando se negavam eram julgados pelo Tribunal e condenados à morte.

Neste cenário violento e cruel, Arcádio parte para Cesaréia, afim de praticar retiro espiritual com orações e penitências. Mas, por ser muito conhecido na região, percebem sua ausência, prendem um membro de sua família e, ao saber do fato, retorna rapidamente para salvá-lo, entregando-se ao juiz em seu lugar.

A partir daí, Arcádio é torturado cruelmente: cortam suas juntas e articulações por se negar a prestar culto a divindades desconhecidas.

Deixa-nos um lindo testemunho de fé e amor antes de entregar seu espírito a Deus "... Reconhecei a meu Deus, que me fortalece. Morrer por Ele é viver, sofrer por Ele é gozar. Sua caridade não tem fim...".

Suas relíquias foram guardadas com todo zelo pelos cristãos.

O nome de Santo Arcádio encontra-se apenas no Martirológio Romano, onde constam Santos e Beatos da Santa Igreja Católica Apostólica Romana.

Celebramos seu dia 12 de Janeiro.

Melisa Silva, INSA